

O VIRTUAL E O REAL: A LÍNGUA DO FACEBOOK NA ESCOLA

Renise Cristina SANTOS

Universidade Federal de Minas Gerais

reniseecs@ig.com.br

Resumo: Na sala de aula de língua portuguesa, ainda é, de modo geral, prática comum ensinar a língua escrita especificamente em contextos formais, ignorando as circunstâncias nas quais a modalidade escrita vem sendo usada, de um modo mais informal ou despreocupado com regras gramaticais. Entretanto, existem várias situações em que isso ocorre e os alunos sabem disso, principalmente quando fazem uso da rede social Facebook, na qual, normalmente, tem-se um uso linguístico mais solto. O objetivo deste trabalho, portanto, é evidenciar a análise realizada sobre a escrita presente nessa rede social, mostrando que esse aspecto, levando-se em conta a inovação lexical, pode e deve ser trabalhado em sala de aula, tendo em vista o desenvolvimento da competência lexical. A metodologia adotada foi a descrição das unidades lexicais neológicas, destacando-se seus aspectos mais produtivos, bem como o neologismo gráfico, além da inserção da perspectiva sociolinguística referente aos usuários dessa rede virtual. Selecionou-se para este trabalho um número de trinta unidades lexicais neológicas. Para a identificação de neologismos, adotou-se o critério lexicográfico. Como fundamentação teórica, este trabalho se apoiou em textos teóricos como os de Guilbert (1975), Alves (1990) e Ferraz (2006).

Palavras-chave: Facebook; neologismos, competência lexical.

1 Introdução

Sabe-se que todas as línguas são unidades em constante transformação. Por causa disso, elas se reinventam a cada dia, recebendo e retirando palavras de seu conjunto lexical. Esse fenômeno permite então que neologismos sejam criados e que outros usos linguísticos caiam em desuso. Na língua portuguesa do Brasil não é diferente. Pensando na extensão continental desse país (o quinto maior país em extensão territorial) e em seus milhões de habitantes (cerca de 170) é possível prever a quantidade de criações e descartes de palavras que aqui ocorre.

Ainda considerando as transformações diversas sofridas pela língua portuguesa e pensando na importância de se conhecer esse fenômeno mais de perto, fica nítido que é de grande valia que os estudantes de modo geral possam visualizar, sentir e teorizar a esse respeito ficando mais próximos de uma realidade que eles já conhecem – a própria língua. Nesse sentido, é imprescindível que se saiba as nuances de uma língua, mas ainda é mais necessário que isso seja explicado e entendido quando são mostrados exemplos já utilizados pelos usuários da língua, mas talvez não conhecidos sob uma perspectiva científica.

Em outras palavras, as transformações linguísticas e seu estudo em sala de aula tendem a ser facilitados quando se trabalha com algo já do domínio do público aprendiz. Essa visão já prévia do aluno em relação ao conteúdo a ser exibido pelo professor pode facilitar-lhe o entendimento, bem como incutir-lhe o interesse, uma vez que se ele já faz o uso de

transformações linguísticas em seu dia a dia, no momento de aplicá-los em sala de aula, ele, provavelmente, terá mais facilidade e clareza.

Assim, as mudanças linguísticas a que nos referimos neste trabalho dizem respeito a inserção de novas palavras na língua portuguesa brasileira, os neologismos, os quais, para esta pesquisa, foram coletados a partir da rede social Facebook. Ressalta-se, como afirma Boulanger (1989, p. 65-66) que o neologismo é “uma unidade lexical de criação recente, uma nova acepção de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra recentemente emprestada de um sistema lingüístico estrangeiro e aceito numa língua”. São, portanto, essas perspectivas que serão procuradas para se identificar o neologismo. Assim, adotou-se como campo de análise o Facebook, pois, atualmente, esta é a rede social mais utilizada pelos brasileiros e, além disso, o maior público usuário de tal rede são pessoas que estão em idade escolar, o que nos permite afirmar que esse público provavelmente já usou ou pelo menos já percebeu, dentro desta rede social, alguma inovação linguística que difere da norma culta padrão da língua portuguesa e/ou da língua escrita convencional.

O que aqui se propõe, então, é o estudo de neologismos na rede social Facebook, considerando-se o contexto sócio-histórico e cultural em que estamos inseridos, bem como a necessidade de se perceber a língua em uso dentro da sala de aula. Os focos de apoio para a perspectiva de ensino-aprendizagem são a necessidade de competência linguística e lexical em dados contextos sócio-comunicativos.

Vale lembrar que não se pretende frisar o não uso da língua culta padrão – seja ela escrita ou falada - e sim evidenciar usos naturais da língua portuguesa em contextos que os possibilitam, com foco em transformações também naturais da língua, como a criação de novas palavras e a utilização de palavras de outro idioma na língua nativa, sejam essas palavras estrangeirismos ou empréstimos. Estes últimos são assim definidos por Guilbert (1975, p. 90): “uma introdução, no interior do sistema, de segmentos linguísticos com uma estrutura fonológica, sintática e semântica conforme a outro sistema (...)”.

Por fim, é preciso destacar que os textos retirados da rede social em questão não portarão nomes de seus usuários reais. Havendo necessidade de dar nomes aos usuários, isso será feito de modo fictício para se preservar a imagem dessas pessoas, mesmo considerando que quem expõe suas ideias no Facebook já sabe ou deveria saber que as ideias ali colocadas passam a ser públicas, pois o ambiente sociocomunicativo que ali se apresenta é um local de compartilhamento, de publicidade, de não censura.

2 O universo da rede

Pensar em internet hoje é muito mais complexo que há poucos anos atrás. Na atualidade, principalmente com o advento da Web 2.0, as possibilidades dos recursos digitais que mais chamam a atenção dos usuários são a livre criação e a livre autoria na rede. Assim, espaços de compartilhamento de ideias, de trocas de informação, de interação, de comunicação e criação instantâneos são cada vez mais procurados por diversos tipos de usuários da era digital. Por essas mesmas razões e também por outras, como a socialização e liberdade de poder ser o que se quer ser, é que os sites de relacionamento, as chamadas redes sociais, também têm ganhado mais e mais adeptos. Com o Facebook, não é diferente. Essa rede, criada em 2004, teve o seu *boom* no Brasil em meados de 2009 e, hoje, se não é a mais, é uma das mais acessadas pelo público brasileiro.

Vale lembrar que a rede social em questão é um espaço aberto a qualquer pessoa que queira se cadastrar nela, bastando, para isso, apenas entrar na página principal e se inscrever fornecendo as informações solicitadas. É preciso que se ressalte, também, que o fato de estar conectado ao Facebook não garante que se tenha acesso a informações de qualquer outro

usuário desta rede social. Para isso, é necessário que os usuários criem, entre si, um laço de amizade por meio da rede, o qual permitirá que as postagens de um possam ser visualizadas pelo outro e vice-versa. Assim, o fato de alguém estar conectado com outra pessoa não garantirá que também seja possível visualizar o que os amigos virtuais dessa pessoa postam em seu próprio perfil ou no perfil de outros usuários. Ou seja, o Facebook é uma rede de compartilhamentos, porém esses compartilhamentos só são repassados se houver permissão de cada usuário a seu grupo de amigos ou se um dono de um dado perfil – um usuário – permitir, em suas configurações pessoais, que todas as informações que ele poste sejam visualizadas por qualquer usuário do Facebook, não necessariamente um usuário que pertença a seu grupo de amigos virtuais.

Ressaltadas as implicações técnicas de uso da rede social analisada, já se pode discutir o espaço sociointerativo e sócio-comunicativo que se mostra ser o Facebook. Esse site de relacionamento, como a própria definição já demonstra, é um espaço de entretenimento, diálogos, trocas, brincadeiras, desabafo, comunicação e relacionamentos de modo geral. Ao navegar no site, percebem-se postagens e fotos das mais variadas, desde um foco estudantil, acadêmico, passando por críticas sociais, políticas, culturais, até um foco profissional ou puramente de divertimento. Isso nos permite dizer que o espaço aberto para qualquer tipo de atividade que se pretenda realizar é encontrado nessa rede, o que faz com que se compartilhe com diferentes amigos assuntos dos mais diversos e, isso, provavelmente, faz com o que o usuário não se intimide para usar a sua linguagem e expressar seus sentimentos sem se policiar se a modalidade linguística está gramaticalmente adequada ou não, ou se a palavra que está usando já existe ou não na língua. Ou seja, o usuário, normalmente, quer expor o seu ponto de vista e participar do grupo, da roda de discussão que está em pauta no momento, e, para isso, vale se sentir à vontade e comunicar-se com naturalidade, sem amarras, sem regras.

É nesse momento que entram os neologismos, pois, sem se preocupar com as normas da língua, o usuário normalmente vai utilizar uma linguagem mais solta, tanto na escrita como no conteúdo, e transformar sua comunicação numa língua rápida e com vocabulários mais adequados a seus interlocutores, ao tema da discussão e à instantaneidade da comunicação virtual. Afinal, “(...) uma das provas de vitalidade de uma língua é a sua capacidade de gerar novas palavras. A criação de novas palavras e a reutilização de palavras já existentes a partir de novos significados constituem, portanto, um processo geral de desenvolvimento do léxico de uma língua.” (FERRAZ, 2006, p.219)

3 Linguagem da internet

Numa época em que a globalização é algo inerente às sociedades, bem como ao modo de vida das pessoas de maneira geral, a internet é cada vez mais uma forma de comunicação acessível e indispensável a todos. Mesmo sabendo que essa tecnologia, principalmente em se tratando da realidade brasileira, não é de franco acesso por toda a população, é sabido que aqueles que já a conhecem acabam se vendo obrigados a lidar com ela, seja pessoal, profissional ou academicamente.

Essa situação nos leva a pensar que estar em contato com o mundo virtual é hoje, para muitos, mais do que um desejo, mas uma necessidade, embora o inverso seja também algo bastante comum, uma vez os vários recursos de que a internet dispõe nos faz enxergar neles novas possibilidades de lidar com a máquina, o computador. Dentre essas possibilidades, pode-se dizer, estão a comunicação virtual, a socialização, a linguagem peculiar do ambiente em rede, os diversos textos e modos de leitura disponíveis.

Diante disso, a internet, como uma rede de comunicação de grande utilidade para diversos tipos de trabalho ou estudo, por meio da qual as pessoas de diversas cidades, estados

ou países se comunicam com rapidez e com mais naturalidade, tem proporcionado as condições para novos usos da língua. Daí nasce então o internetês, um estilo comunicativo comum ao ambiente virtual, que, na maioria das vezes, é menos preso a regras gramaticais, principalmente de ortografia, e possibilita algumas transformações e criações na língua escrita, como os neologismos, como bem afirma Pereira Júnior:

Na escrita, sob a revolução midiática, nunca se escreveu tanto (os jovens). Ao menos por enquanto, internet para o jovem é rede social, uma maneira de conversar com os outros, de mostrar-se e de ver o que acontece. As pessoas querem cultivar amigos. Com isso, há uma oralidade sendo transmitida à escrita. Há os neologismos da internet e há os da fala cotidiana. (PEREIRA JÚNIOR, 2010) Grifo nosso.

Desse modo, é importante também que se entenda que a escrita dentro dos gêneros virtuais é algo diferente da visão tradicional de uma escrita de um autor para um leitor, por exemplo. Isso quer dizer que nos gêneros virtuais emergentes, a escrita é, além de dinâmica, instantânea e colaborativa, o que nos leva a perceber um texto sendo escrito de um autor para outro autor, e este outro colaborará – se for do interesse dele – com essa escrita inserindo nela o seu próprio texto. Em outras palavras, a situação de escrita a que nos vemos virtualmente inseridos, nos leva à situação de produção de hipertextos, na qual há uma mistura de vozes e de modos de leitura, pois se possibilita a concomitância de leituras verbais, imagéticas e sonoras ao mesmo tempo e de qualquer ponto do texto. Pode-se, por isso, iniciar a leitura do início, do fim ou do meio, bem como da direita ou da esquerda de uma dada página virtual. Pode-se também, não ler a página inteira e seguir a leitura de um link. Pode-se, ainda, escrever formal ou informalmente, com ou sem abreviaturas, bem como se pode ler o texto desta ou daquela pessoa e ainda se pode optar se se vai escrever algo ou não.

Assim, para entender então o internetês e as possibilidade de transformação na língua, mais especificamente os neologismos, dentro dos gêneros virtuais, é preciso focar em um suporte comunicativo da língua escrita no ambiente virtual que permita um uso mais dinâmico, instantâneo, natural do falante/escritor em sua comunicação. Ou seja, o internetês e os neologismos que ele possibilita podem ser, provavelmente, encontrados com mais facilidade nas redes sociais, pois essas são “pontos de encontro” entre usuários da língua, os quais se disponibilizam a trocar dados entre si, a se socializar por meio da internet, utilizando, quase sempre, uma linguagem mais solta, pois, na maioria dos casos, tais usuários não precisam se policiar linguisticamente, uma vez que, de modo geral, estão escrevendo para os próprios colegas e em um português sem rebuscamentos e sem a necessidade de todas as regras normativas, defendidas e exigidas pela Gramática Tradicional.

4 Facebook x Escola

A escola é o local da aprendizagem. Aprende-se a pensar, a se comunicar, a reconhecer fatos históricos, a ter noções sócio-políticas e muito mais neste local. É, ainda hoje, a escola um dos grandes responsáveis pela formação humana de modo geral. Devido a isso, cabe a ela também evidenciar as diversas transformações por que passa a sociedade para que o indivíduo perceba que é preciso se adequar à realidade para se fazer entender no mundo.

Essa lógica não é diferente quando se trata da linguagem. E também não é diferente o papel da escola em relação a mostrar as diversas facetas, usos e contextos linguísticos. Isto quer dizer que no ambiente escolar o aluno também pode conhecer as modalidades sócio-comunicativas que ele já domina fora desse local. Como afirma Antunes (2003, p. 41), as línguas só existem para promover uma interação entre as pessoas e, se isso for feito de forma

contextualizada e interessante, o ensino da língua será individual, social, produtivo e relevante. Baseando-se na afirmativa de Antunes, utilizar a linguagem de um modo contextualizado fará com que o usuário tenha mais facilidade e mais interesse em aprender. Assim, utilizar a linguagem já conhecida pelo aprendiz na rede social Facebook pode ser um estímulo para as aulas de língua portuguesa, uma vez que o assunto será algo já comum na realidade daquele aluno.

Ainda, o fato de a internet ser hoje um mecanismo de comunicação muito utilizado por vários tipos de pessoas, principalmente as mais jovens, fará com que um grande número de alunos já domine a linguagem virtual e aula seja mais produtiva. Diante disso, tem-se uma área comunicativa, tecnológica e linguística muito acessada e reconhecida por esse grupo de usuários. Assim, pode-se sim agregar o conhecimento digital e usá-lo em sala de aula em benefício dos alunos e também do professor:

Com a Internet e a fantástica evolução tecnológica, podemos aprender de muitas formas, em lugares diferentes, de formas diferentes. A sociedade como um todo é um espaço privilegiado de aprendizagem. Mas ainda é a escola a organizadora e certificadora principal do processo de ensino-aprendizagem. (MORAN, p. 1, 2004).

Isto posto, cabe lembrar que criar neologismos – o foco da linguagem virtual que estamos analisando – é uma mostra da competência lexical do falante, uma vez que, ao se inventar um termo novo, o sujeito está demonstrando sua capacidade de compreender e de usar as palavras dentro dos conhecimentos morfossintáticos que ele possui da língua e dentro das relações que um item lexical estabelece com outro para fazer sentido (FERRAZ, 2008, P. 147). Essa situação explica, dessa forma, a importância do uso de novos léxicos como ferramenta de ensino de língua materna, bem como evidencia que o aluno, ao utilizar um neologismo, demonstra ser um eficiente conhecedor e usuário de sua língua, bem como o faz notar que essa mesma língua nem sempre contempla a palavra ideal, já existente, para o que ele quer dizer, porém permite que se “encaixe” nela uma nova palavra para a completa relação de sentido a ser estabelecida.

Novamente, vale ressaltar, em relação à competência lexical, porém no meio digital, o que se tem visto é um recurso tecnológico – o computador, a internet, os sites de relacionamento – sendo utilizado para fins comunicativos, os quais, obviamente, fazem uso da linguagem, no caso a língua escrita. Assim, “o que temos o privilégio de presenciar não é o surgimento de uma máquina de escrever sofisticada, mas sim, de uma tecnologia que vem instaurando novas formas de comunicação e o aperfeiçoamento das já existentes.” (SANTOS *apud* COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 152) Ou seja, os recursos digitais propiciam uma mudança na língua, seja com novos vocábulos, seja com adaptações dos vocábulos já existentes.

Assim, se os recursos tecno-digitais vêm ganhando espaço social e linguístico, não faz sentido, no que diz respeito ao ensino de língua, ignorá-los. Isso porque eles são uma forma de transformação da língua e, mais ainda, de reconhecimento da competência linguística do falante e, sob essa perspectiva, são relevantes para se avaliar a habilidade comunicativa e linguística do usuário da língua portuguesa. Nesse aspecto, portanto, os novos léxicos criados no âmbito digital – aqui especificamente aqueles encontrados no Facebook – se mostram um considerável material para ser analisado e discutido em sala de aula. Cabe, ainda, em se tratando da área de informática e tecnologia, ressaltar um discurso que vem ganhando espaço, o de que é necessário que a tecnologia tenha vez em sala de aula, pois a era digital já se consagrou e, diferentemente do que muitos pensavam, não retirou, nem vai retirar o ensino de língua e de comunicação do páreo. Assim, nos dizeres de Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 25-27), aproveitar o que ela tem a oferecer e a acrescentar ao ensino de língua portuguesa,

principalmente, quando se ensina aos jovens, parece ser uma alternativa cabível e construtiva para se aprender a lidar com a linguagem e com a língua.

5 Metodologia

Para verificarmos e analisarmos os neologismos, coletamos textos de diversos usuários do Facebook. As amostras textuais foram retiradas das páginas iniciais da rede em questão, dos comentários relativos a fotos postadas e aos perfis dos usuários. Ressalta-se, contudo, que, para este trabalho, apenas uma pequena amostra será demonstrada – 30 casos de neologismos – dada a dimensão do recorte necessária para uma apresentação de porte pequeno como a requerida dentro do tempo de explanação deste artigo para o congresso a que ele se destina.

Assim, também devido ao pouco tempo de explanação, apenas evidenciaremos os passos dados para a identificação de neologismos e apresentaremos os neologismos encontrados, bem como o critério de definição para assim denominá-los.

Desse modo, o processo de identificação de neologismo foi feito da seguinte maneira: primeiro, conheceu-se como se processa a comunicação e produção textual nos gêneros virtuais emergentes – os chamados gêneros digitais – e discutiu-se um pouco sobre tais gêneros tentando encontrar uma definição mais precisa para eles, focando especificamente a escrita dentro da rede social Facebook. Em seguida, foram definidos os tipos de neologismos coletados de acordo com a tipologia definida por Alves (1990).

O passo seguinte foi propor algumas atividades a serem trabalhadas em sala de aula que objetivassem o ensino/aprendizagem de neologismos e que mostrassem que essas novas palavras estão presentes no dia a dia e que podem ser criadas por quaisquer pessoas.

É importante salientar, desde já, que a pesquisa que se propôs aqui não é propriamente uma pesquisa sociolinguística sobre o internetês. Partindo do reconhecimento da existência de uma variedade linguística de uso restrito ao âmbito da Internet, vulgarmente referida como internetês, não se pretendeu discutir teoricamente, para não fugir à delimitação do nosso objeto de estudo, os fundamentos sociolinguísticos que circunstanciam tal fenômeno linguístico. Assim, pretendeu-se desenvolver nosso trabalho dando destaque ao gênero textual emergente, oriundo dos sites de relacionamento virtual, também chamados de redes sociais.

Por fim, é preciso evidenciar que, como suporte para a pesquisa, utilizou-se a Linguística de Corpus, “área que analisa com auxílio do computador os padrões de uso da língua em grandes conjuntos de textos reais, para observar de modo empírico as formas gramaticais possíveis e prováveis utilizadas pelos falantes” (BISOGNIN, 2008, p. 7).

Em relação à fundamentação teórica, este trabalho se apoiou em importantes textos de estudiosos como LÉVY (1993, 1996) MARCUSCHI e XAVIER (2008), MARCUSCHI (2005), no que diz respeito aos gêneros virtuais emergentes; em BORTONI-RICARDO (2004), para a caracterização das variedades linguísticas faladas por muitos brasileiros; em leituras de Guilbert (1975), Sandmann (1989), Boulanger (1989) e Alves (1990), com foco na conceituação de neologia e neologismo; em textos de Ferraz (2006, 2008), no que diz respeito à análise do corpus e ao desenvolvimento da competência lexical.

Para decidir, enfim, se um dado vocábulo seria considerado como neologismo ou não, foi utilizado o critério lexicográfico, o qual se baseou num corpus de exclusão formado por três dicionários gerais brasileiros a saber: Dicionário Houaiss da língua Portuguesa (2010); Novo Aurélio do século XXI: o dicionário de língua portuguesa (2010) ; Dicionário Aulete Digital – formato eletrônico (2010), além do VOLP (Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa [2009]).

Diante disso, é preciso ressaltar que boa parte da metodologia não será aqui demonstrada, porém consideramos justo evidenciá-la para que se alcançasse uma visão mais clara e abrangente do que se analisou e como isso foi feito. Essa situação ocorreu devido ao fato de o artigo que aqui se apresenta ser parte de um trabalho maior e também devido ao fato, já explicado anteriormente, de não haver tempo de explanação tão grande para abordar o trabalho.

Assim, na metodologia deste artigo, apenas trataremos de evidenciar quais vocábulos considerados neológicos podem ou não ser assim considerados de acordo com o critério lexicográfico evidenciado anteriormente, o qual se baseará na existência ou não de uma dada palavra nos dicionários já referidos.

Vale lembrar, ainda, que aqui se considera neológico também as formas gráficas das palavras que não são encontradas assim grafadas nos referidos dicionários, mas que já são usadas pelos usuários do Facebook.

6 Análise

Como já mencionado, as palavras aqui consideradas neologismos são aquelas que não se encontram registradas nos dicionários utilizados para a análise. Isso não significa que sejam palavras inéditas, algumas já são usadas por várias pessoas, não só no ambiente virtual, mas ainda não se encontram presentes nos respectivos dicionários.

O período de coleta dessas palavras foi feito de fevereiro a abril de 2012 e os textos foram retirados das páginas iniciais do Facebook (www.facebook.com) e também das páginas de usuários da rede, ressaltando, novamente, que como o site de compartilhamento em questão é de uso livre, postar algo nele já indica uma permissão de uso dos textos ali colocados por parte de qualquer pessoa que tenha acesso ao site Facebook.

É preciso ressaltar, novamente, que os nomes aqui mencionados são fictícios, os nomes originais dos usuários não foram mantidos para se preservar a identidade de cada um deles. Além disso, o objetivo não é discutir quem está falando o que, mas como tem sido feito o uso da linguagem dentro da rede social Facebook.

Segue, agora, a lista de palavras consideradas neológicas, em negrito, e seus respectivos contextos de uso. Em seguida, evidenciaremos cada palavra destacada fora de seu contexto, com o objetivo de identificar o significado:

Calourada do IGC. Coisas estranhas acontecem **aki**... Não sei se é tão pejorativo assim, mas são coisas de **faficheiros**. rrsrsrsr!!

Tbm to cm saudade pretinhaaaaa! Semana q vem é o chá da Larissa. Sábado agora tem África Bar e domingo tem Xico da Carne de noite. **Bora??**

O SOM JA TA CORTANDO NA MINHA **FUSSAAAAAA** VEM TODO MUNDO
 \O/

passa por **inbox** o **end**, sei chegar ai sozinha não.

não sou fiscal mas também quero ser um (quem nunca?) **pode to be?**

Difamação, calúnia e mentira... o mínimo que acontece! **OMG**

não sabe brincar **desce do play**

A última aula da Maria foi **FODÁSTICA!**

Ohh Maria ou meelhor Mariaaaaah tôo coontiigoo heeeim hahah'
Sdds de voocê **Miigaah**,, soomee naaum heeeim.. Bjis

Qero vencer sem **pilantrar** com **ngm**, **qero** dinheiro sem pisar na cabeça de alguém

Falar qe ñã gst de mim com os outros é facil , pq ñã fala **cmg**

Sistemas II??? **q q ta pegando** nessa materia?

Maria: SÓ FOI EU CLICAR Q EU JA VI

Joana: **aff** 2 segundos

Joana: **q fofisssss**

Hoje é o dia nacional dos animais! Se você também ama os animais curta e compartilhe

Maria: **Ownnnnnnn**

Uai kd os **cutucas** de plantão?

Olha o site do Terra **trollando** o Facebook, no Titulo diz: Facebook ganha sede em Seattle; veja fotos pelo o mundo. E no meio aparece uma foto do google.

Maria: Feliz dia do índio pra você que fala: pra mim fazer

João: **óóóia** o preconceito com as línguas ergativo-absolutivas! hã! Mas eu curti.

Maria: HahahhH sabia que ia aparecer um **letrista** falando algo do tipo!

Maria: você ainda é **letrista**?

João: **aehiuehaehu** Maria, acho que eu me **emburocratizei** . neste momento, tem 3 livros em cima da minha estante: um de contabilidade geral, um de contabilidade pública e outro de direito constitucional. ficar adulto e precisar de pagar a conta da cemig é osso.

Maria: Ajudem uma formanda!!! => **Hehehe...** Rifa-se um NOTEBOOK pelo primeiro prêmio da Loteria Federal do dia 12/05/2012. É a sua chance. E se vc já tem um notebook, pode vendê-lo se ganhar! COMPREM! COMPREM! COMPREM! rrsrs... A rifa custa apenas R\$:3,00.**Thanks!**

Joana: **Olhaaaa**, mas que ideia mais copiável essa da linda Maria!!! rs. Rifas da Comissão mais linda desse Brasil-sil-sil!

6.1 Das palavras

Neologismos	Tipo de formação neológica	Significado
faficheiro	Formal por siglagem e sufixação	Estudante da Fafich (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG).
aki	Formal por variação gráfica	Aqui
tbm	Formal por variação gráfica	Também
bora	Formal por truncamento	Diminutivo de embora (vamos embora?)
fussaaa	Formal por variação gráfica	Fuça
inbox	Estrangeirismo	Via caixa de e-mail
end	Formal por variação gráfica	Endereço
pode to be	Formal com estrangeirismo Neologismo estilístico.	Pode ser? <i>Ser</i> do inglês <i>to be</i>
OMG	Formal por acronímia no léxico da língua inglesa e depois empréstimo por estrangeirismo.	Oh, my God! Oh, meu Deus!
desce do play	Formal por composição sintagmática	Parar de brincar.
FODÁSTICA	Formal por	Muito boa! Excepcional!
Sdds	Formal por variação gráfica	Saudades.
Miigaah	Formal por variação gráfica	Amiga
Qero	Formal por variação gráfica	quero
pilantrar	Formal por sufixação	Fazer pilantragem
Ngm	Formal por variação gráfica	Ninguém
Cmg	Formal por variação gráfica	Comigo
q q ta pegando	Formal por composição sintagmática e depois por variação gráfica	O que está acontecendo?
aff	Formal Neologismo lexical onomatopaico.	
Q fofissssss	Formal por variação gráfica	Que fofo!
Ownnnnnnn	Formal por variação gráfica Neologismo lexical onomatopaico.	Expressão de som carinhoso! Fofo!
cutucas	Semântico	Pessoas que cutucam no Facebook
trollando	Estrangeirismo e formal por sufixação	zoar
Óóóia	Formal por variação gráfica	Olha enfático
letrista	Formal e semântico Formal por sufixação	Estudante ou profissional da área de Letras
aehiuehaehu	Formal por variação gráfica Neologismo lexical onomatopaico.	Demonstração de riso
Emburocratizei	Formal por composição	Tornar burocrático
Heheh	Formal por variação gráfica	Demonstração de riso

	Neologismo onomatopaico.	lexical	
Rsrtrs	Formal por variação gráfica Neologismo onomatopaico.	lexical	Demonstração de riso
Thanks	Estrangeirismo		Obrigado (a)
Olhaaaa	Formal Formal por variação gráfica		Ênfase na necessidade olhar

Estamos considerando, segundo definição de Alves (1990), neologismo formal aqueles em que as palavras mudam na forma de grafar e/ou aqueles em que, no processo de afixos da palavra, ou seja, na colocação de sufixos ou prefixos, são utilizadas as regras da formação de palavras da língua portuguesa.

Para considerarmos como neologismo do tipo estrangeirismo, estamos considerando as palavras que pertencem a idioma não materno e que são usadas com o significado e escrita estrangeiros nativos. Ou seja, essas palavras não fazem ainda parte do léxico do português brasileiro, tampouco foram aportuguesadas.

Por fim, consideramos como neologismos semânticos as palavras cujo significado é reconhecido em língua portuguesa, porém a palavra que dá origem a tal significado ainda não existe nessa mesma língua.

A partir da tipologia-base dos neologismos, o que se pretende é evidenciar que, independente do tipo de formação neológica, a competência de uso da língua é que se mostra como o mais importante para se reconhecer as habilidades de um usuário da língua. Assim, mesmo sem saber as nomenclaturas, os usuários do Facebook sabem como utilizar os neologismos e adequá-los a seu perfil comunicativo. Dessa maneira, Bortoni-Ricardo, já afirma:

(...) a competência comunicativa de um falante lhe permite saber o que falar e como falar com quaisquer interlocutores em quaisquer circunstâncias. (...) Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 73)

É, portanto, essa competência comunicativa que se pretendeu buscar com este trabalho, uma vez que reconhecer as possibilidades que a língua oferece é uma mostra de usuário competente em sua própria língua.

7 Conclusões

Nota-se, pelas palavras neológicas, que muitas delas já são conhecidas por muitos falantes e usuários da língua, principalmente aquelas que mudam mais o aspecto gráfico. Nesse último caso, a neologia só ocorre do ponto de vista da língua escrita, uma vez que não encontraremos essas grafias como regras de uso, mas como expressões aproximadas de uma determinada ênfase da fala. Ainda nesses casos, a tentativa do falante/usuário é chamar a atenção do seu interlocutor, ora para a necessidade de este prestar atenção naquele vocábulo, seja pelo uso em caixa alta, seja pelo excesso de vogais ou consoantes, seja nos acentos que não ocorreriam na língua escrita padrão, ora para que este saiba que a linguagem utilizada é mais acessível a ambos e mais natural, por isso mais fácil de permitir a socialização.

Em qualquer caso, no entanto, o fato é que os usuários do Facebook de modo geral já entendem e dominam a linguagem deste ambiente, o que permite que, nas aulas de português seja fácil para eles assimilarem o processo de formação de palavras, bem como entenderem os neologismos em geral, principalmente aqueles já utilizados por eles no ambiente virtual.

O que se pretendeu evidenciar, portanto, é que reconhecer e saber utilizar os neologismos e linguagem aqui demonstrados pelo Facebook e em contextos adequados a esses usos permitirá ao aluno perceber que é preciso uma competência lexical e linguística para se usar a língua. Assim, se o aluno já faz uso dessas competências, o trabalho do professor se torna mais fácil e o aprendiz assimila mais facilmente as necessidades de que ele precisa para se tornar um falante/usuário da língua com plenas habilidades e recursos linguísticos, os quais serão usados em momentos em que a própria língua assim o exigir.

Desse modo, o aprendiz que já faz uso das próprias ferramentas que sua língua oferece, seja utilizando ora uma linguagem mais culta, ora uma linguagem mais informal, seja se adequando ao interlocutor com o qual se depara, seja criando um neologismo para uma dada situação comunicativa, seja se apropriando de um termo estrangeiro para uma situação em que não encontra uma palavra nativa que signifique o que ele quer definir e etc já demonstra ser um aprendiz com uma grande competência sócio-comunicativa e lexical. Afinal, dominar a língua não é dominar a gramática, mas é dominar seus contextos comunicativos.

Referências

ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. Alfa. (UNESP), v. 28, supl., 1984, p. 119-126.

ALVES, I. M. Neologismo: criação lexical. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1990.

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BISOGNIN, Tadeu Rossato. Do internetês ao léxico da escrita dos jovens no Orkut. Dissertação (Mestrado em Teorias do Texto e do Discurso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

BOULANGER, J. C. (1989) L'évolution du concept de neologie de la linguistique aux industries de la langue. In: SCHAEZTEN, C. de. Terminologie diachronique. Paris: Conseil International de la langue française, 193-211.

CORRÊA, Ediléa Félix. Gêneros textuais no contexto digital e educacional. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/44.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2012.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E (Orgs). Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FACEBOOK. Disponível em: <<http://www.facebook.com.br>> Acesso: fevereiro a abril de 2012.

FERRAZ, Aderlande Pereira. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida. O léxico em estudo. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 217 – 234.

FERRAZ, Aderlande Pereira. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcila. (Orgs). Língua portuguesa, educação e mudança. São Paulo: Europa, 2008.

GUILBERT, Louis. La Créativité Lexicale. Paris: Larousse, 1975. 285 p. do editor Antonio Maria Pereira, 1888. 2v.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993. (Coleção TRANS)

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. (Coleção TRANS)

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

MORAN, José Manuel. Os novos espaços de atuação do professor com a tecnologia. Anais do ENDIPE: Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade e tecnologias na educação. Curitiba: Champagnat, 2004.

PEREIRA JÚNIOR, Luis Costa. A linguagem dos jovens. In: Revista Língua. Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11954>. Acesso em: 07 set. 2010.

SANDMANN, Antônio José. Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo. Curitiba: Ícone. 1998.